

A painting of a saint with a halo, wearing a red robe, sitting at a desk and reading a large open book. On the desk, there is a human skull and another open book. The scene is dimly lit, with the light source coming from the left, highlighting the saint's face and the books.

Morte e Filosofia

Finitude, Sentido, Luto e Transcendência

Marcos Bazmandegan



Num mundo acelerado, a morte é uma desaceleração compulsória.



A morte é entendida como consequência de recursos que não podem ser capitalizados, dentro de uma lógica de equilíbrio de mercado.



Mas a morte também pode ser, ela própria, capitalizável.

Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. (Gen. 3:4)



A epopeia de Gilgamesh: a busca pela imortalidade



Gilgamesh, rei semilendário de Uruque, embarca numa viagem em busca da imortalidade após a morte do amigo Enquidu. Procura Utnapishtim, o único humano que os deuses tornaram imortal após sobreviver ao grande dilúvio, na esperança de aprender o segredo da vida eterna. Esta história épica, originária da Mesopotâmia, foi escrita em cuneiforme por volta de 1800 a.C. e reflete o desejo humano de vencer a morte e preservar a glória.

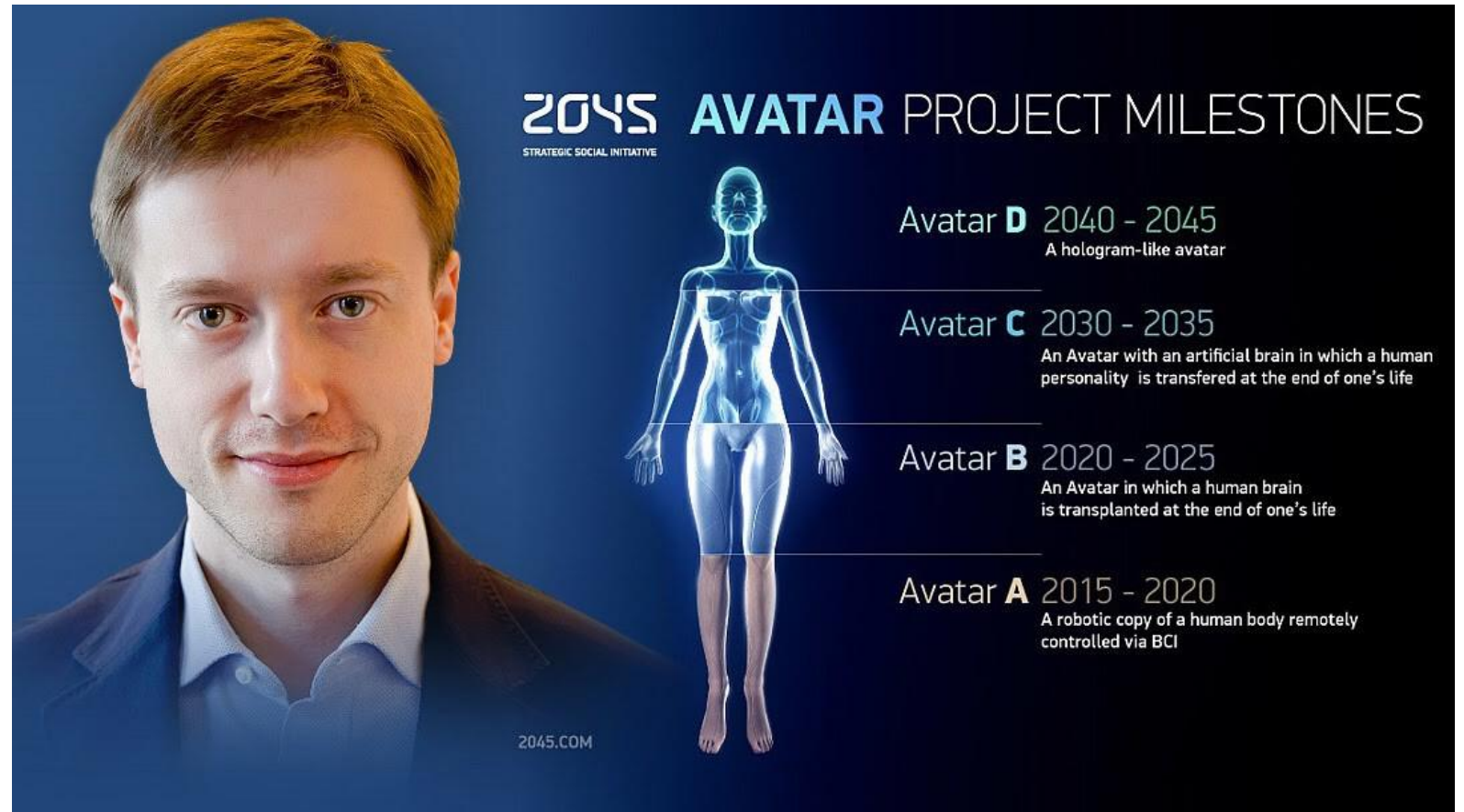


Podrá a IA-tecnologia conceder-nos a imortalidade?



Projeto Avatar: imortais em 2045

O seu nome inspirou-se no famoso filme de James Cameron e foi lançado por Dmitry Itskov, um milionário russo de 32 anos, e o seu objetivo é copiar o corpo e o cérebro de uma pessoa para um holograma, de modo a permitir que ela viva eternamente.



2045 AVATAR PROJECT MILESTONES
STRATEGIC SOCIAL INITIATIVE

Avatar D 2040 - 2045
A hologram-like avatar

Avatar C 2030 - 2035
An Avatar with an artificial brain in which a human personality is transferred at the end of one's life

Avatar B 2020 - 2025
An Avatar in which a human brain is transplanted at the end of one's life

Avatar A 2015 - 2020
A robotic copy of a human body remotely controlled via BCI

2045.COM

Imortalidade do quê?

Sobrevivência?
– quem/ o quê
sobrevive?

Que
consciência?

Que
senciência?

(a capacidade de um
ser de sentir, perceber
ou ter experiências
conscientes)



Não há nada em que o homem livre menos pense do que na morte, e a sua sabedoria é uma meditação sobre a vida, não sobre a morte. (Espinosa, Ética, IV, prop. 67)



Axioma:

A Filosofia medita sobre a
vida quando fala da morte.

O que é meditar na vida (falando da morte) no século XXI?

Longevidade

Sentido

Guerras

Epidemias

Ecologia

Problema do
mal

Meditar na vida, hoje, inclui:

A medicalização e prolongamento da vida.

A busca por **imortalidade simbólica ou tecnológica** (memórias digitais, criações, avanços da biotecnologia).

O confronto com **valores existenciais**, como felicidade, ética e propósito/sentido.

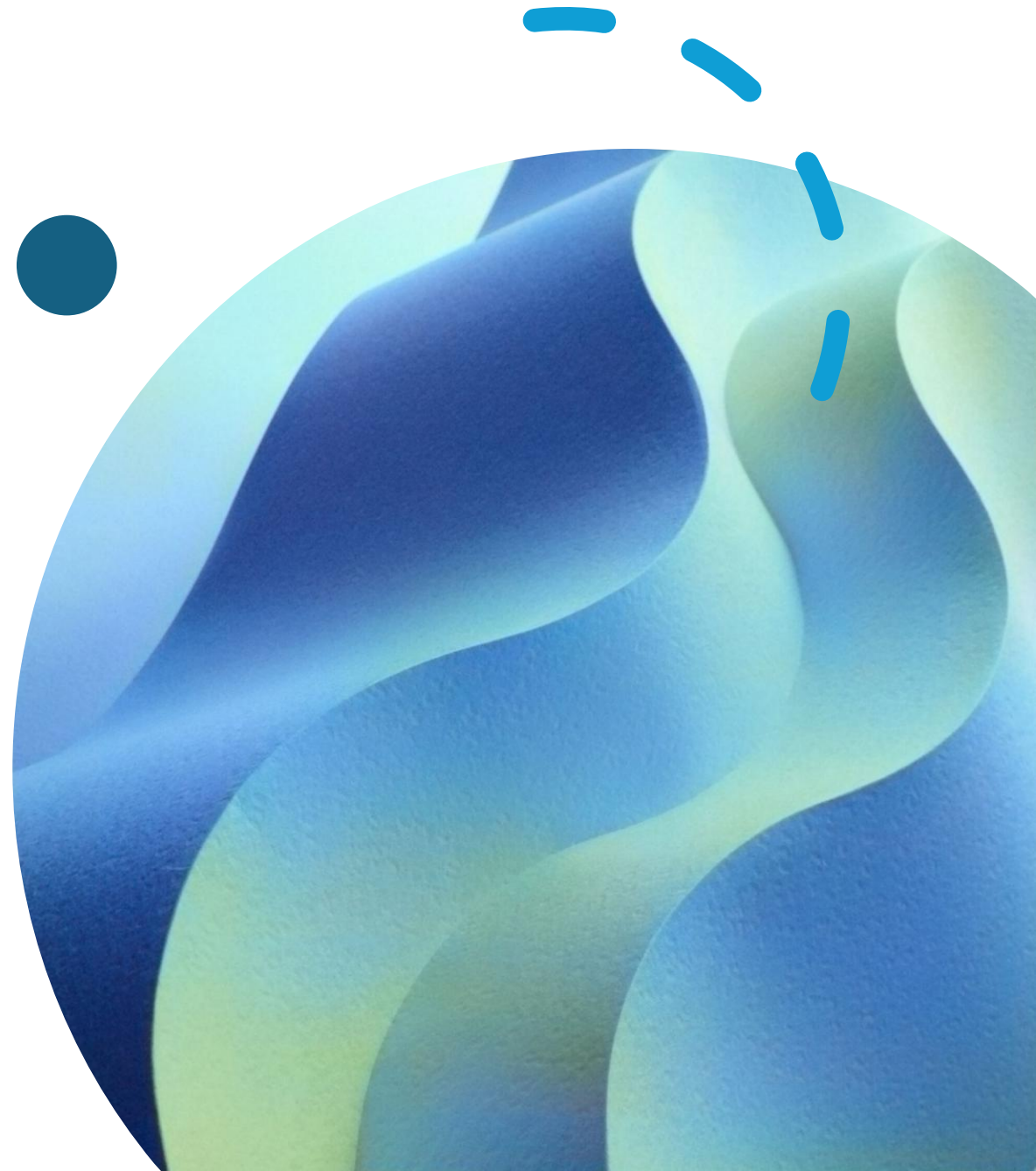
Grandes questões que daqui emergem:

Como viver de forma significativa sabendo que a morte é inevitável?

Como lidar com o medo da morte e a ansiedade sobre o fim da vida?

Qual é o legado ou a marca que deixamos no mundo antes de morrer?

Existe algo além da morte, seja espiritual, científico ou filosófico?



Deixar uma marca ou um legado



Pinturas de mãos feitas por indígenas (Patagônia, Argentina) há 9000 anos.



* M. CASSIO. M / F. TVRRINO. A. V. / AVITA. MATER / F. C. A Marco Cassio, filho de Turrino, de cinco anos de idade, mandou sua mãe fazer (este monumento). Bombarral.



Pegada digital

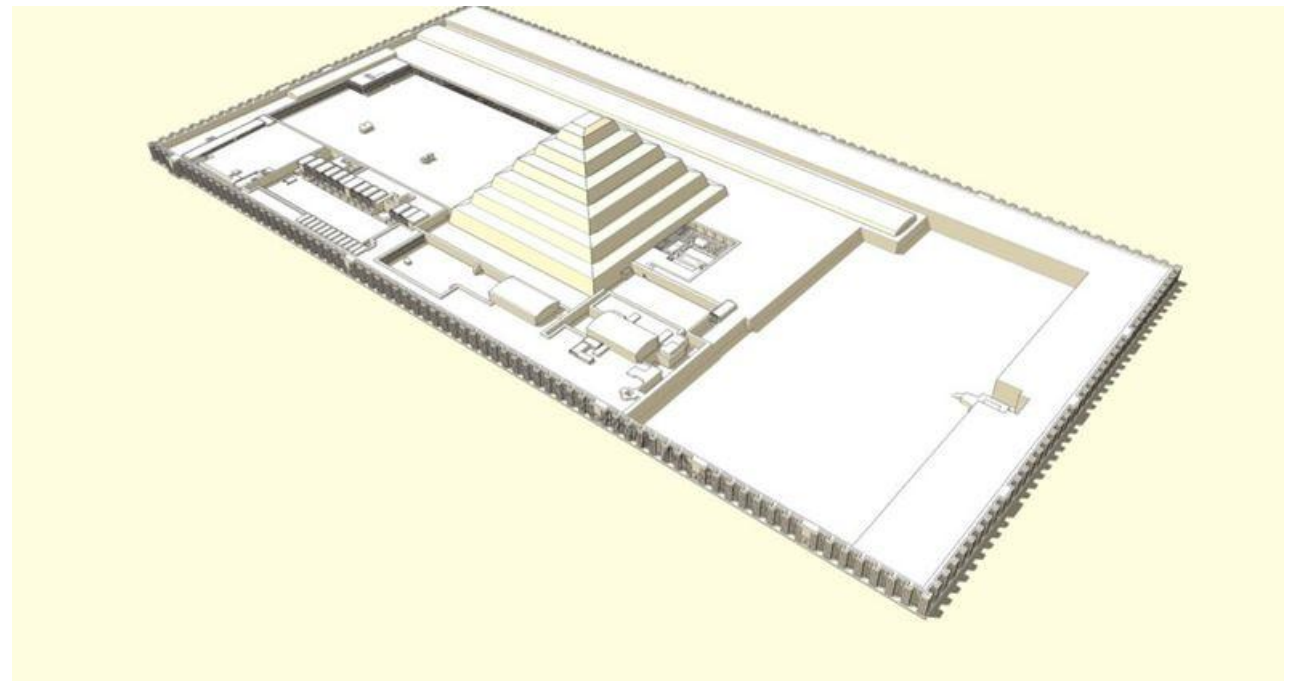
Templos da imortalidade

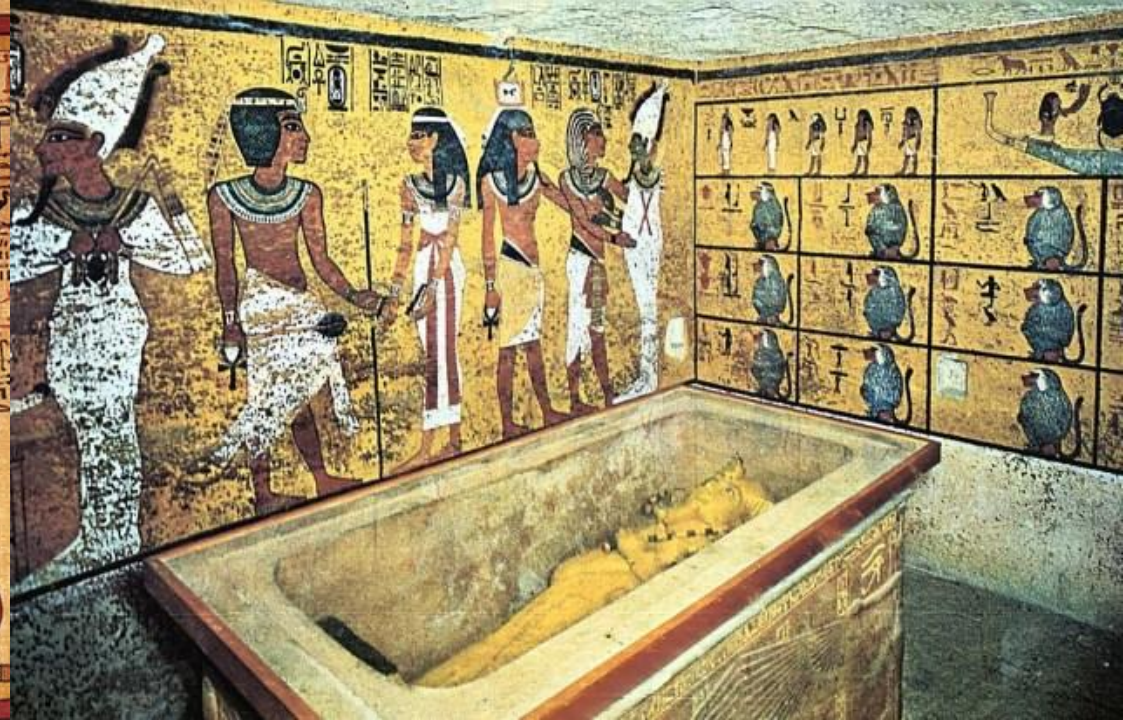


Casas de barro para os vivos, casas de pedra para os mortos.

A imortalidade como privilégio

No Antigo Egito, a imortalidade era inicialmente vista como um **privilégio exclusivo do faraó**. Como rei-divindade, ele era o único destinado a unir-se aos deuses após a morte, ascendendo ao céu solar. As grandes pirâmides e rituais funerários complexos serviam para garantir essa vida eterna.





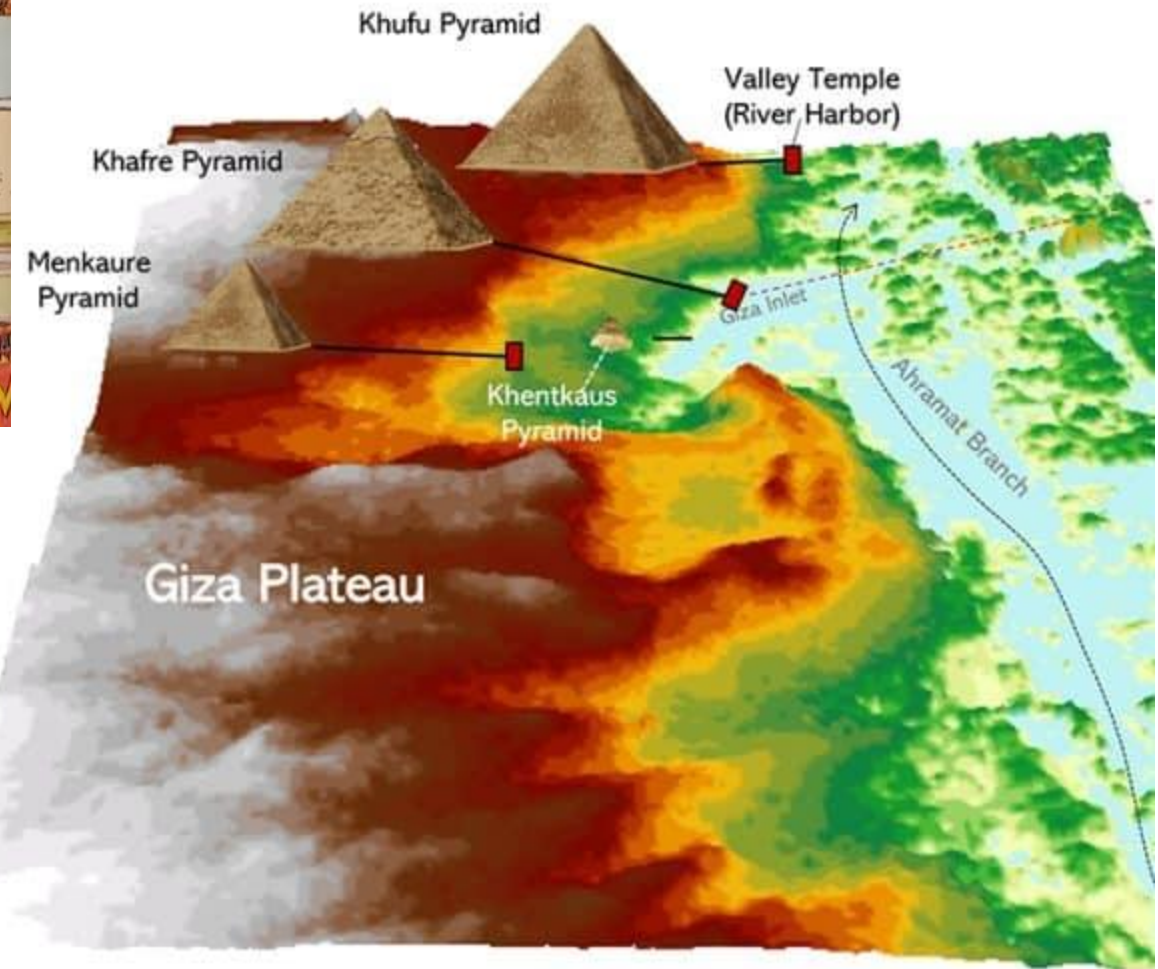
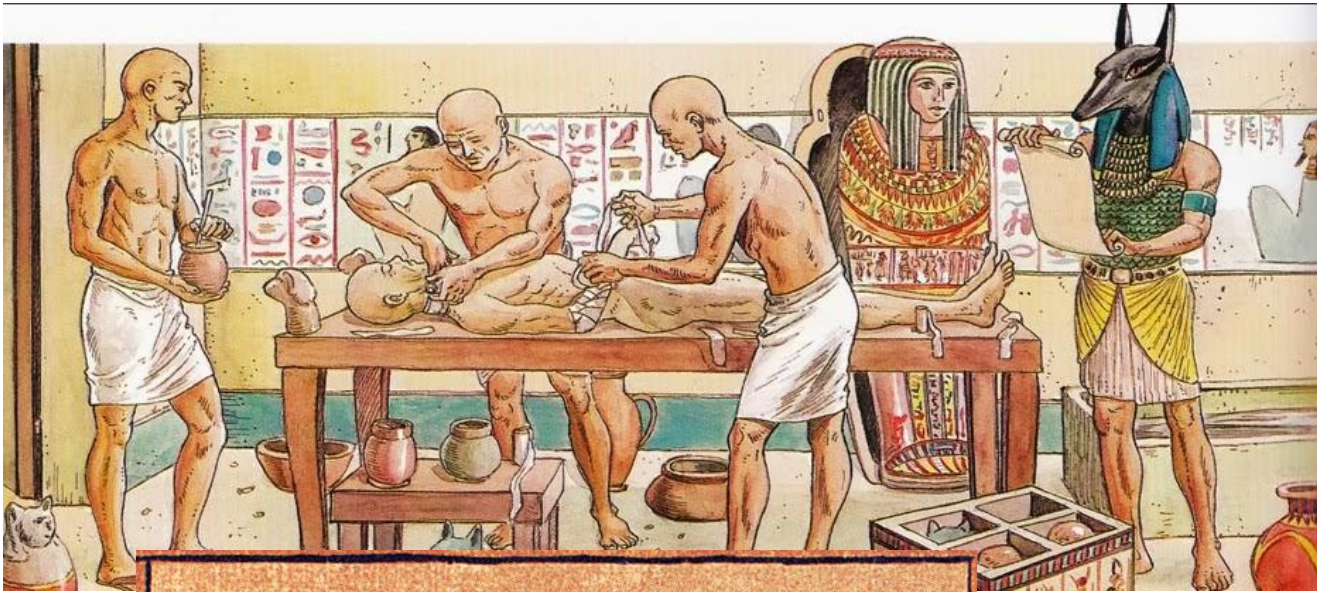
Com o enfraquecimento do poder real, sobretudo a partir do **Primeiro Período Intermediário**, essa crença foi-se aristocratizando. A vida após a morte deixou de ser monopólio do faraó e passou a estar ao alcance dos **nobres**, depois dos **funcionários** e, gradualmente, de camadas mais amplas da população. Surgem então:

Aristocratização da imortalidade

- caixões com inscrições mágicas (Textos dos Sarcófagos),
- o **Livro dos Mortos**,
- rituais e amuletos acessíveis a mais pessoas.



Imortalidade e conservação do corpo



Conceitos egípcios

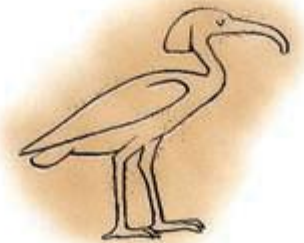
- **Ka** → a **força vital**. É a energia que anima o corpo. Continua a existir após a morte e precisa de alimento e oferendas no túmulo.
- **Ba** → a **personalidade/individualidade**. Representa o que torna cada pessoa única; podia sair do túmulo e circular entre o mundo dos vivos e dos mortos (muitas vezes figurado como ave com cabeça humana).
- **Akh** → o **espírito transformado e eficaz**. Surge quando ka e ba se reúnem com sucesso após os rituais funerários; é o estado de existência glorificada no além, próximo dos deuses.



ka



ba



akh

Conceção egípcia da alma

- **Ren – o nome:**

É a **identidade da pessoa**, algo que precisava ser lembrado e pronunciado para “viver” no além. Quanto mais o nome era preservado em inscrições e memórias, maior a sua sobrevivência eterna.

- **Ka – a força vital:**

É a **essência que distingue os vivos dos mortos**. Quando o *ka* deixava o corpo, a pessoa realmente morria. Era sustentado por oferendas de comida e bebida e podia ocupar um espaço físico como estátuas funerárias.

- **Ib – o coração metafísico:**

Considerado a **sede da consciência, sentimentos, vontades e moral**, o *ib* sobrevivente influenciava o destino do falecido no julgamento pós-morte, sendo pesado contra a pena de Ma’at.

- **Ba – a personalidade:**

Representa o que torna cada indivíduo **único**. Após a morte, o *ba* podia sair do túmulo em forma de pássaro com cabeça humana e juntar-se ao *ka*, continuando a existir e mover-se entre o mundo dos vivos e dos mortos.

- **Sheut – a sombra:**

A sombra (*sheut*) acompanhava a pessoa em vida e continha algo dela. Era considerada parte essencial do ser, ligada mesmo à representação física e espiritual, e precisava ser preservada como os outros aspectos para garantir a existência contínua no além.

Hinduísmo

A noção de **ātman** (आत्मन्) é muito antiga.

Ela aparece já nos **Vedas**, especialmente:

- **Rigveda** (c. 1500–1200 a.C.) → o termo *ātman* já existe, mas com sentidos mais amplos como “respiração”, “vida”, “essência vital”.
- Depois, nos **Upanishads** (c. 800–500 a.C.) → surge a ideia filosófica forte de **ātman como o Eu profundo, a consciência essencial**, muitas vezes identificado com **Brahman** (“ātman = brahman”).

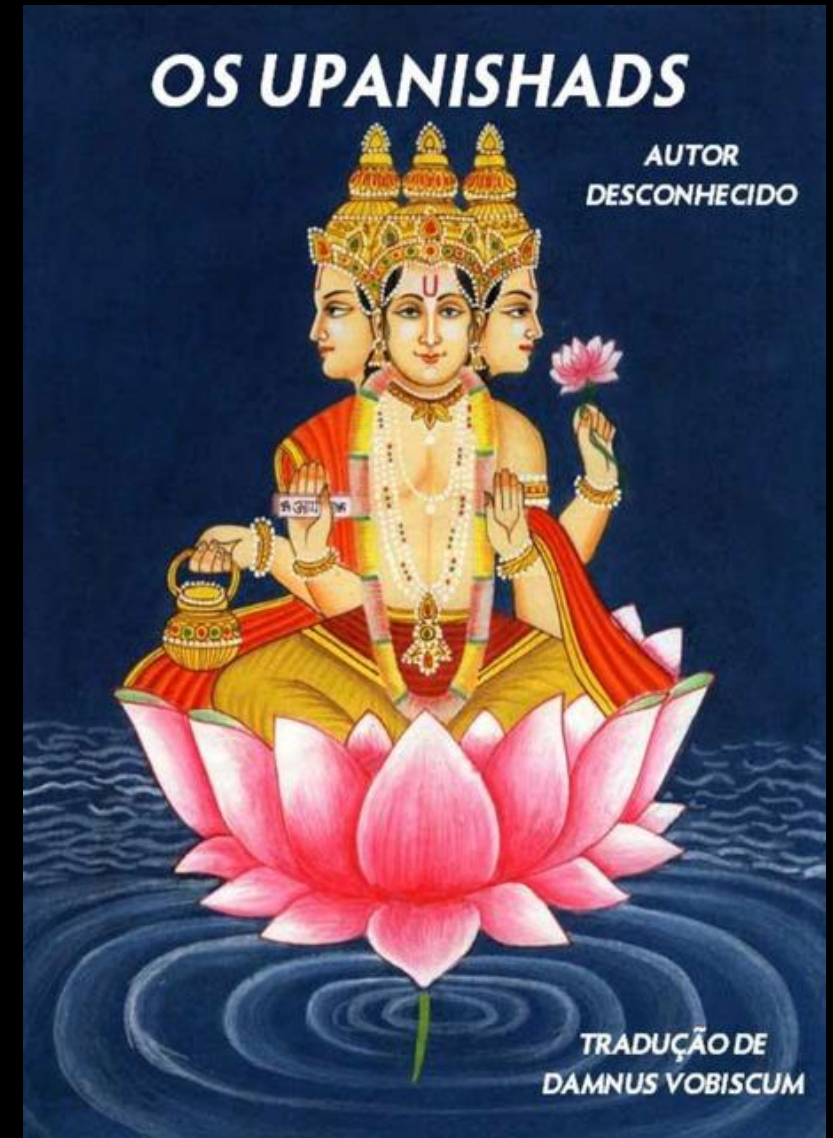
UPANISHADS – conceitos fundamentais do Hinduísmo, essência dos Vedas (veda + anta).

Composto fundamentalmente por histórias e diálogos.

Visões monistas (inspira Advaita Vedanta) e dualistas (inspira Samkhya e Yoga).

Brahman

Atman



Da literatura védica, praticamente só os Upanishads permanecem vivos, graças aos comentários de Adi Shankara (séc. VII).

Adi Shankara – um dos maiores teólogos hindus, mestre espiritual e reformador político. Fundador de Advaita Vedanta.

O conhecimento é Brahman.

Esta alma é Brahman.

Tu és Aquele. E

Eu sou Brahman.



Vedānta / Upanishads

Ātman (आत्मन)

→ alma / Self verdadeiro

sem partes (niravayava = indivisível)

O que tem “camadas” são os invólucros:

5 Kośas (पञ्चकोशाः – *pañca kośāḥ*)

1. Annamaya kośa (अन्नमय कोश) → corpo físico (“feito de alimento”)

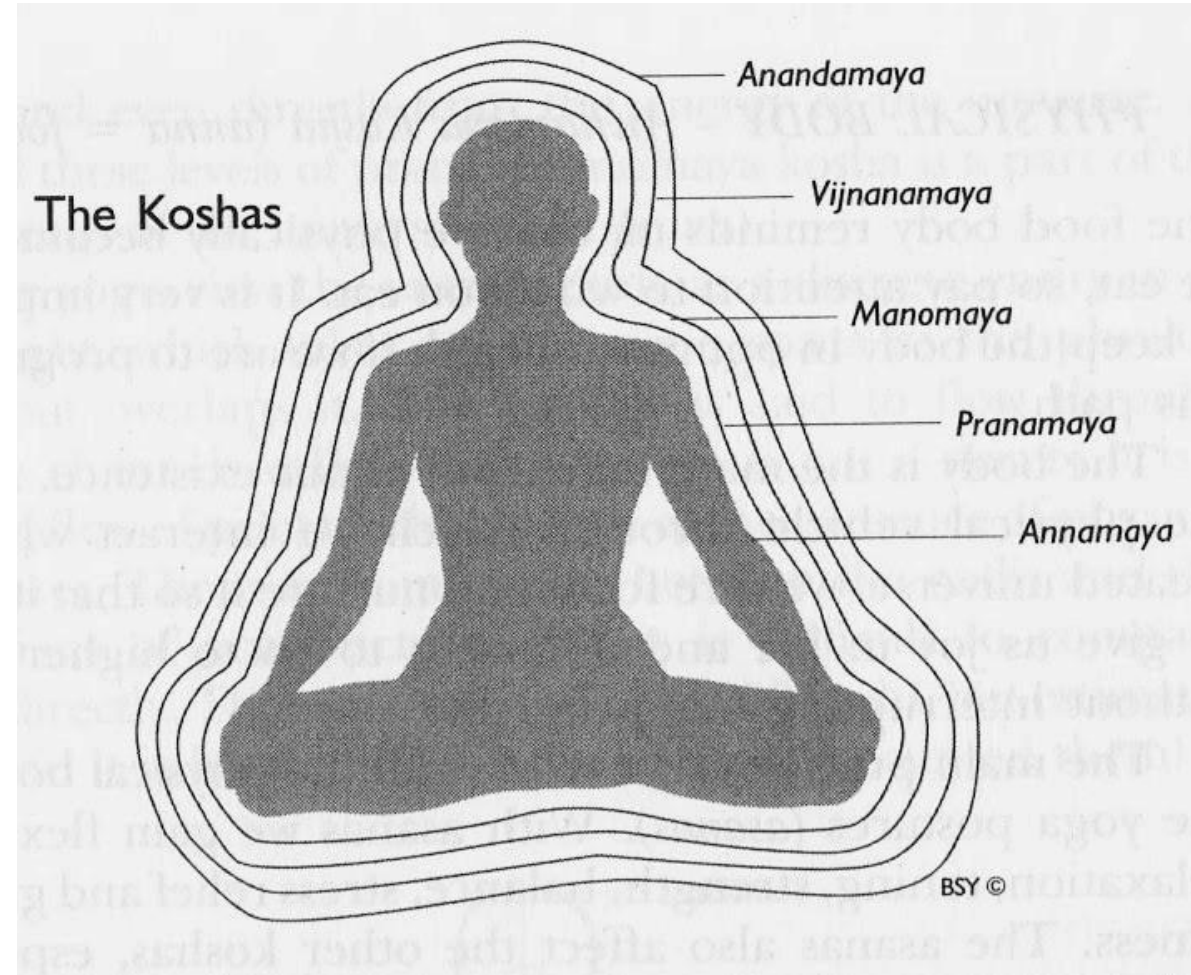
2. Prāṇamaya kośa (प्राणमय कोश) → energia vital / respiração

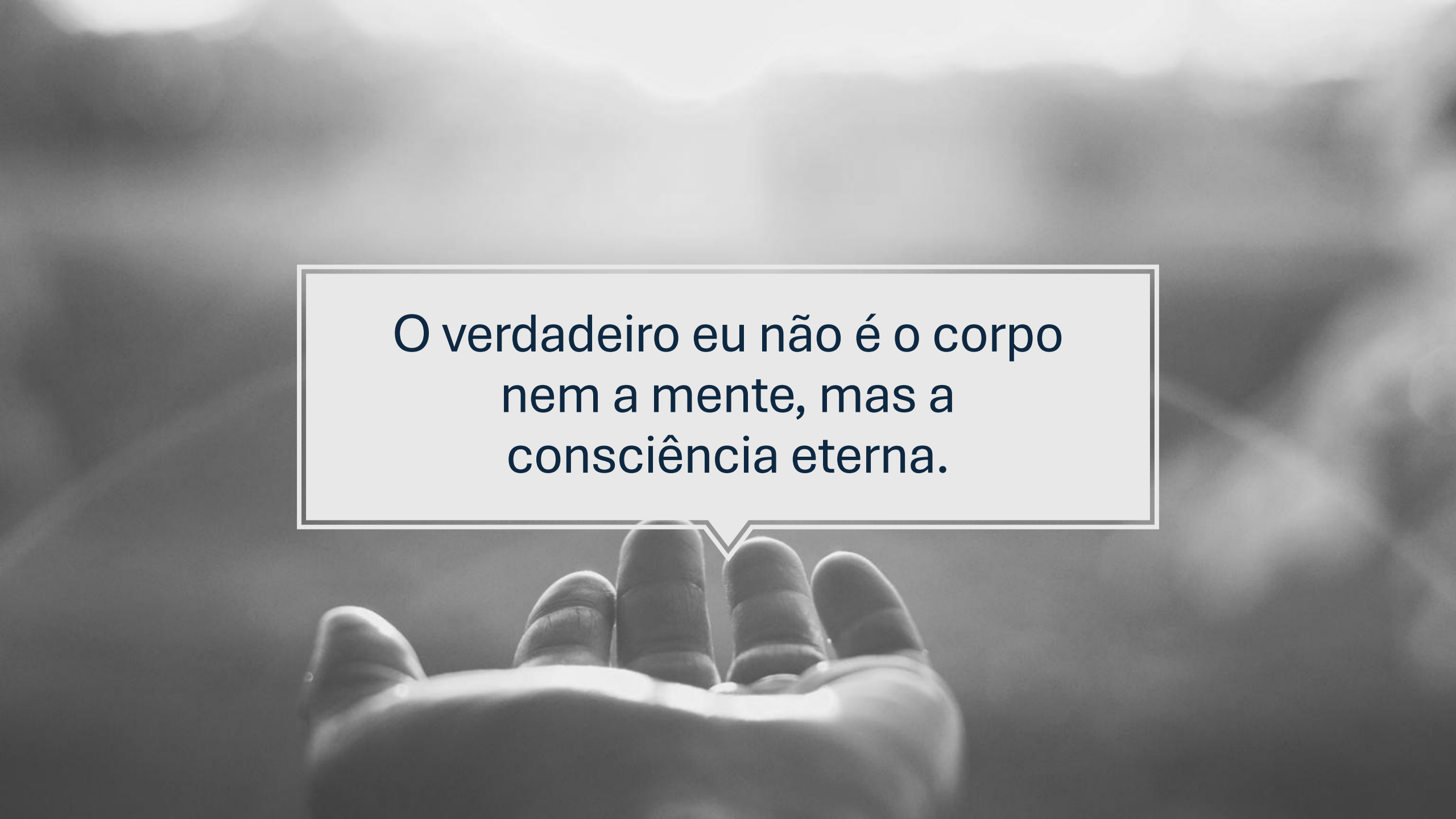
3. Manomaya kośa (मनोमय कोश) → mente / emoções

4. Vijñānamaya kośa (विज्ञानमय कोश) → intelecto / discernimento / ego

5. Ānandamaya kośa (आनन्दमय कोश) → bem-aventurança profunda / causal

O Ātman não é nenhum deles, só testemunha (*sākṣin*).



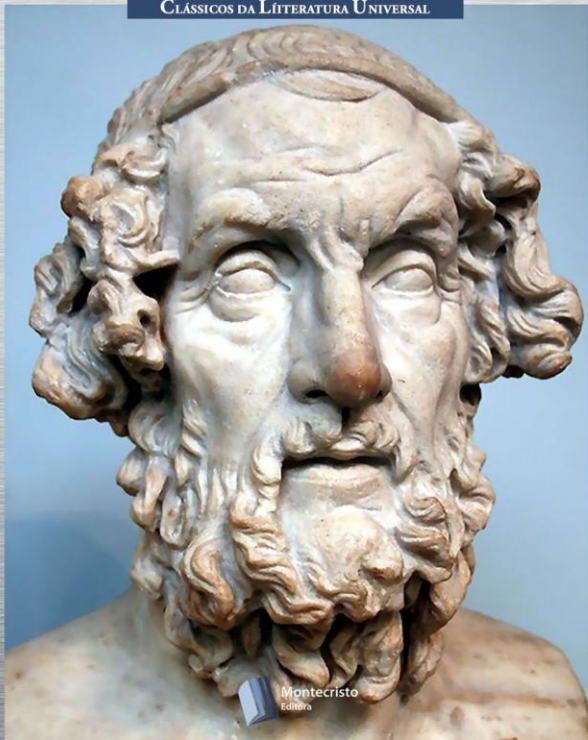
A grayscale image of a hand holding a glowing orb. The hand is positioned at the bottom, with fingers slightly curled around the orb. The orb is bright and has a soft glow. Above the hand, a white rectangular text box with a thin black border contains the text. The background is a blurred, dark landscape with a bright light source at the top, creating a hazy, atmospheric effect.

O verdadeiro eu não é o corpo
nem a mente, mas a
consciência eterna.

HOMERO

ODISSÉIA

CLÁSSICOS DA LITERATURA UNIVERSAL



Grécia Antiga

Homero (séc. VIII a.C.)

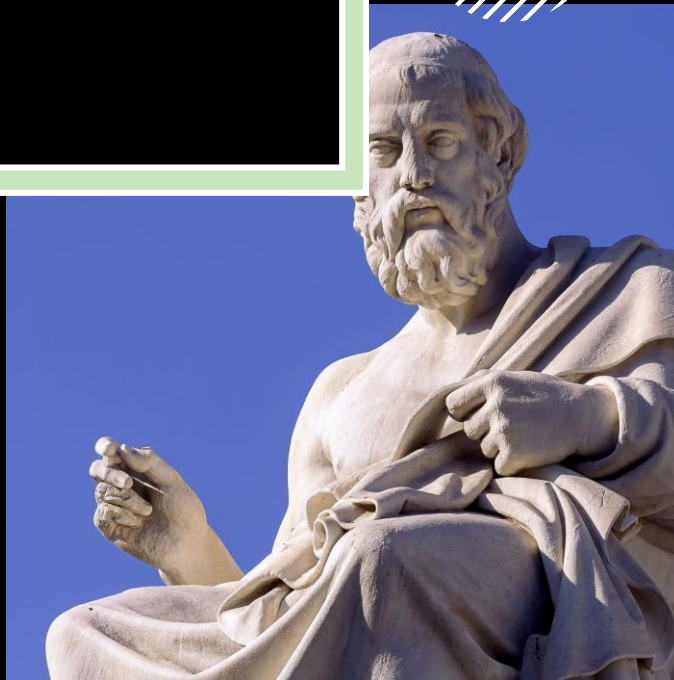
São “funções”, como num mosaico psicológico:

Psychē (ψυχή) → sopro vital / sombra que vai para o Hades

Thymós (θυμός) → ânimo, coragem, impulsos emocionais

Noos (νόος) → mente, pensamento

Platão (ψυχή – psychē)



Alma tripartida (República):

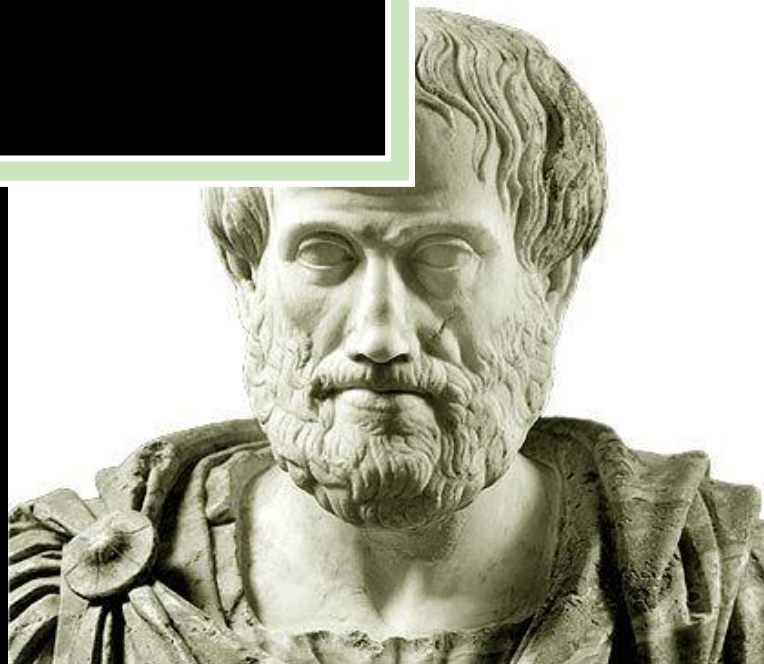
- **Logistikon** (λογιστικόν) → razão / intelecto
- **Thymoeides** (θυμοειδής) → coragem, honra, emoções fortes
- **Epithymētikon** (ἐπιθυμητικόν) → desejos, apetites, instintos

Metáfora clássica do **cocheiro + dois cavalos (Fedro)**:

- cocheiro = razão
- cavalo nobre = coragem
- cavalo indisciplinado = desejos

A alma é um conflito interno constante.

Aristóteles



Mais “biológico” (De Anima):

- **Psychē (ψυχή)** = princípio da vida

Ele divide em funções:

- **Threptikon (θρεπτικόν)** → nutritiva (plantas)
- **Aisthētikon (αἰσθητικόν)** → sensitiva/percepção (animais)
- **Logikon (λογικόν)** → racional (humanos)

É hierárquico:

planta < animal < humano

A alma não está separada do corpo. É a “forma” do corpo vivo.



O que pensavam os Gregos acerca do pós-morte?

Homero (Ilíada / Odisseia)

Depois da morte:

- **Hádēs (Ἅδης)**

→ mundo subterrâneo das sombras

A alma (**psychē** – ψυχή) torna-se uma sombra fraca, sem força, sem alegria, quase sem consciência.

Mistérios religiosos (órficos e pitagóricos)

Ideias novas:

- alma = divina
- corpo = prisão
- ciclo de reencarnações (metempsychōsis – μετεμψύχωσις)
- Purificação, libertação da alma

Muitas semelhanças com a Índia (Upanishads: c. 800–500 a.C.)

Mistérios órficos: séculos VII–VI a.C. (c. 700–500 a.C.)

Pitagóricos: século VI a.C. (c. 570–495 a.C.)

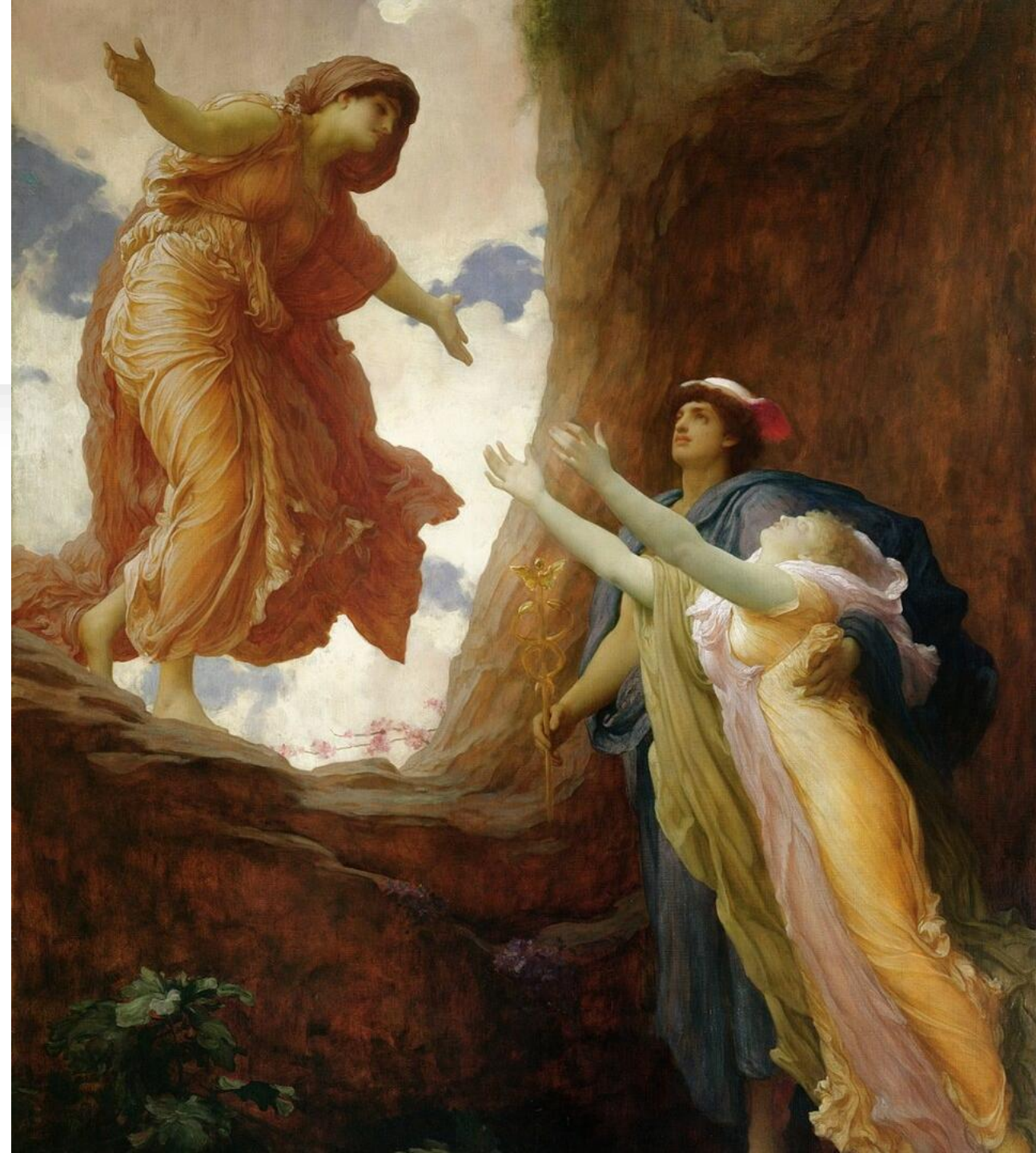
Orfismo

- Crenças e práticas associadas a Orfeu (poeta mítico) que desceu ao Hades e voltou.
 - Reverenciavam Dionísio (Zagreu) (que também desceu ao Hades e voltou) e Perséfone (que anualmente descia ao submundo e voltava, simbolizando a Primavera).
-



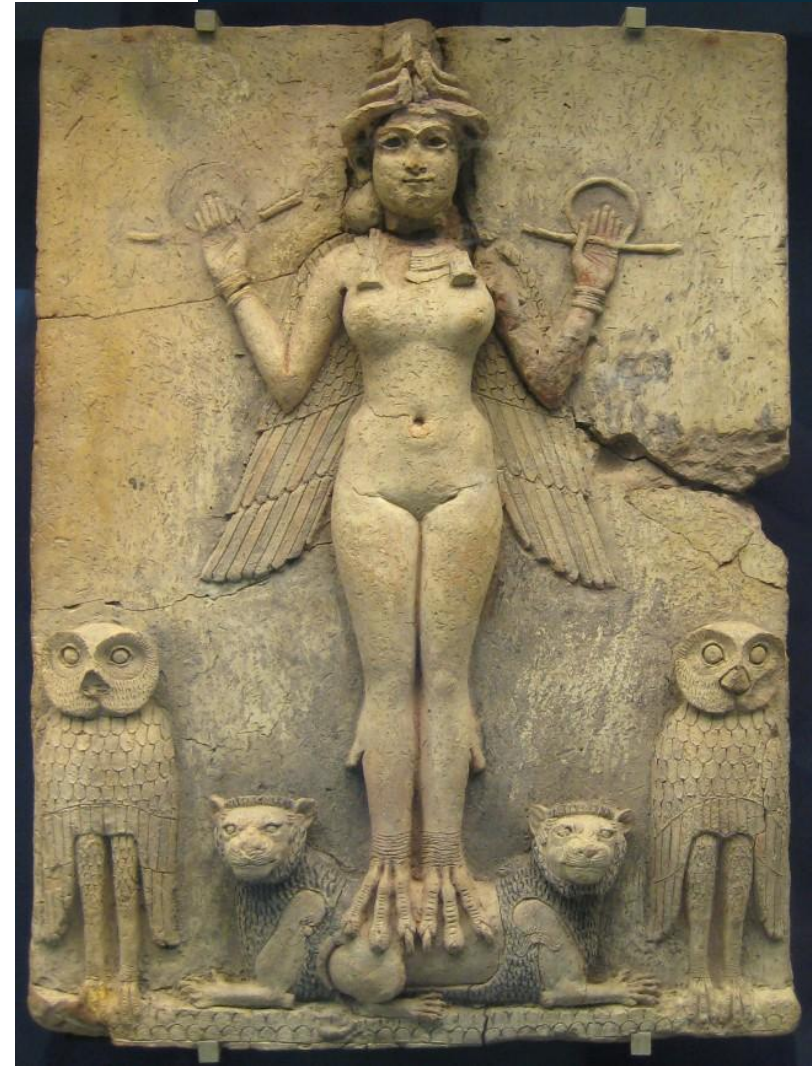
Perséfone

- Filha de Zeus, raptada por Hades, torna-se Rainha do Hades.
- Perséfone mora metade do ano no Olimpo nas estações da Primavera e Verão, e a outra metade no Hades, nas estações do Outono e Inverno.
- Deusa da fecundidade, dos mistérios agrícolas e do submundo.
- Descida e subida do mundo dos mortos – Mistérios de Elêusis.



A descida de Inanna – mito sumério (2000 a.C.)

- Rainha do Céu (mais tarde funde-se com Istar).
Desce a uma caverna, onde a vida era como uma sombra da vida na terra.
- Alerta o seu servo que peça aos deuses que a resgatem caso não volte em 3 dias.
- As leis do submundo dizem que quem entra, não pode sair.
- É obrigada a despir todas as suas roupas (poderes).
- O seu irmão, Dumézil (Tamuz) substitui-a, ficando parte do ano no mundo dos mortos e regressando na Primavera.



Ísis e Osíris (Antigo Egipto)



Platão



Fédon

- alma é imortal
- filósofo deve preparar-se para a morte
- depois da morte há um julgamento moral

República (livro X)

- julgamento
- recompensa/punição
- escolha da próxima vida
- reencarnação

Górgias

- punições no além para os injustos

Um proto- céu/inferno + karma

“O exercício próprio dos filósofos não é precisamente libertar a alma e afastá-la do corpo?”

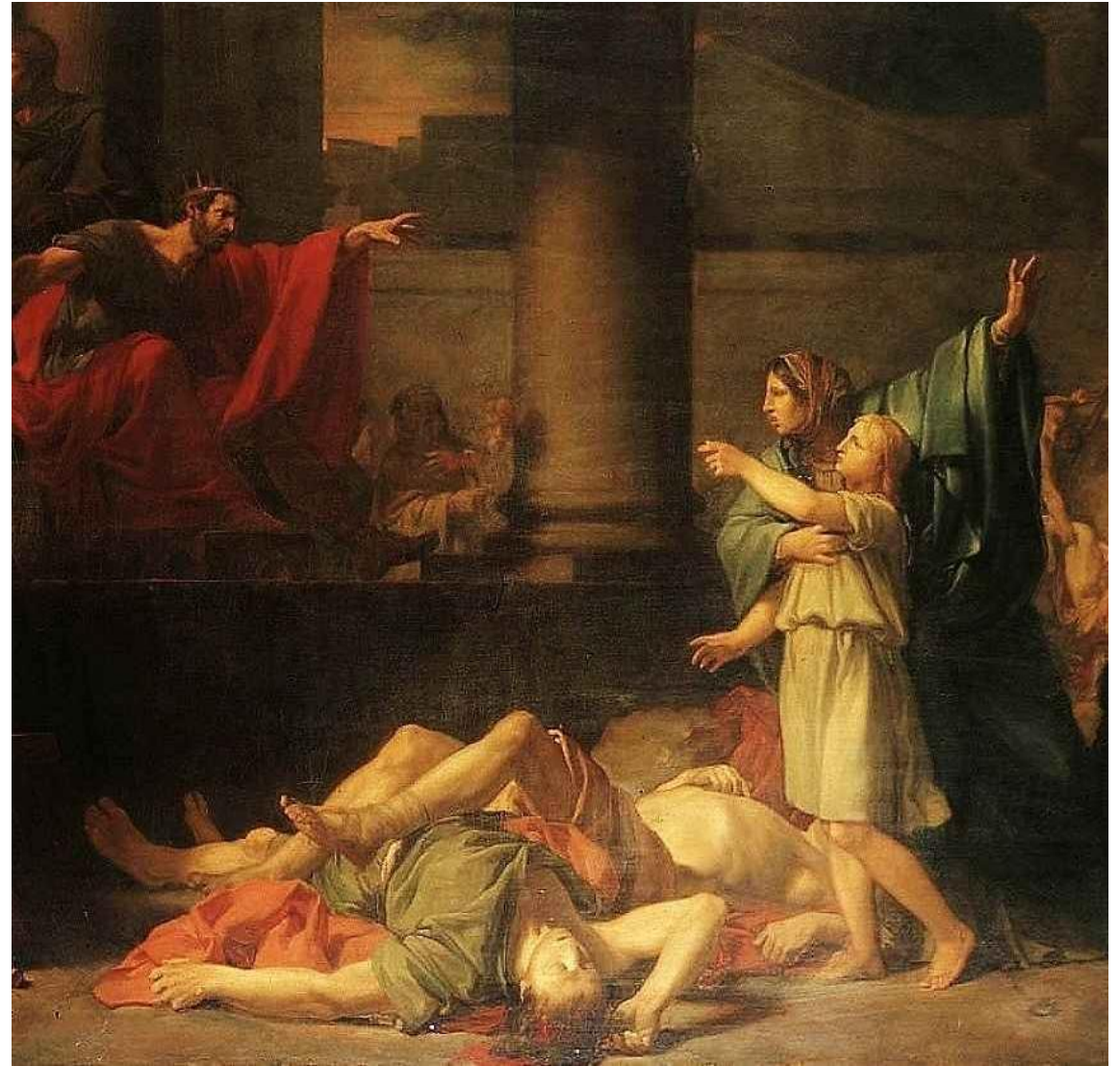


Jacques-Louis David (1787)

Israel Antigo

- Para os antigos israelitas a alma era somente um sopro (Nefesh, Neshamah) e identificava-se com o sangue vital.
- Assim que morre, o Homem vai para o Sheol (Hades), onde leva uma existência sombria, sem vida e consciência.
- A crença numa vida contínua da alma (associada ao culto primitivo aos ancestrais e a necromancia) é condenada pelos profetas (Samuel, Isaías), por ser incompatível com o culto a YHWH, Deus do céu e da terra, e cujo reinado não se estende até ao Sheol (isso só acontecerá nos tempos pós-exílicos).

-
- A imortalidade era só atribuída a Deus e aos seres celestiais. O Homem viu-se privado dessa imortalidade com a sua expulsão do Jardim do Éden (privado de comer o alimento da imortalidade).
 - No exílio (século VI a.C.), por influência de ideias persas (Zoroastrismo) e em conexão com a esperança messiânica, surge a crença na ressurreição, conferindo à alma desencarnada uma existência contínua e temporária até à ressurreição corporal final.
 - A crença na imortalidade da alma chega por influência grega, particularmente da filosofia de Platão (influenciado pelo pensamento órfico e eleusinos, que expressam antigas visões babilónicas e egípcias).
 - A imortalidade da alma surge como recompensa da justiça e do martírio (Macabeus).



Cristo e a segunda volta (*Parousia*)

- Baseado nos textos apocalípticos, Cristo voltará uma segunda vez para reunir os seus, vivos e mortos (ressuscitados), para o juízo final. Após a derrota de Satanás e da batalha final (Armagedom), começará o seu reinado de mil anos (milenarismo).
 - Os primeiros cristãos (século I) acreditavam que Jesus voltaria rapidamente. Com o passar do tempo, a teologia adaptou-se para focar no destino individual do pós-morte (céu ou inferno) em vez de apenas no fim dos tempos.
-



Inferno e Purgatório

- Apócrifos (como o de Pedro) e teólogos como Santo Agostinho (séculos III-IV) sistematizaram a doutrina do castigo eterno e da ausência de Deus. A imagem popular de torturas intensas foi fortalecida durante a Idade Média.
- A crença no purgatório surgiu da combinação de práticas antigas de oração pelos mortos (enraizadas no judaísmo, como em 2 Macabeus) com reflexões patrísticas sobre a purificação pós-morte. Desenvolvida por teólogos como Orígenes e consolidada por figuras como o Papa Gregório I (590-604), a doutrina foi formalizada em concílios medievais (Lyon, 1274, Florença, 1439) como estado de purificação final.



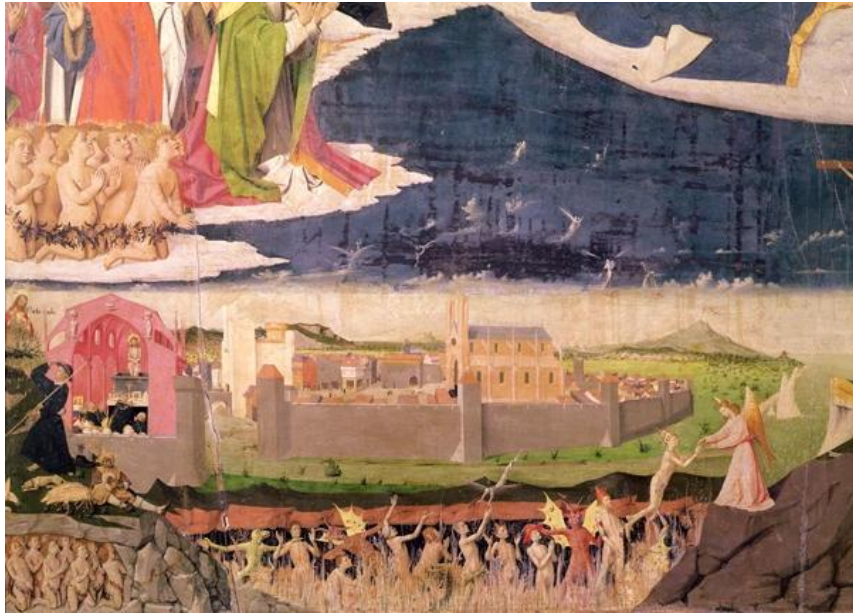
Teologia Agostiniana

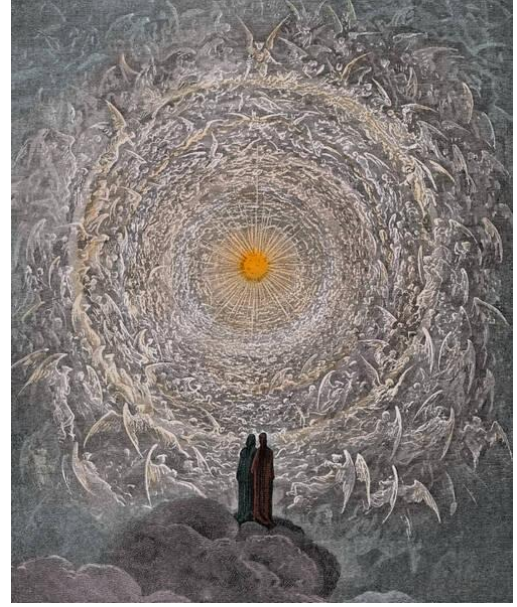


Dante Alighieri e a Divina Comédia

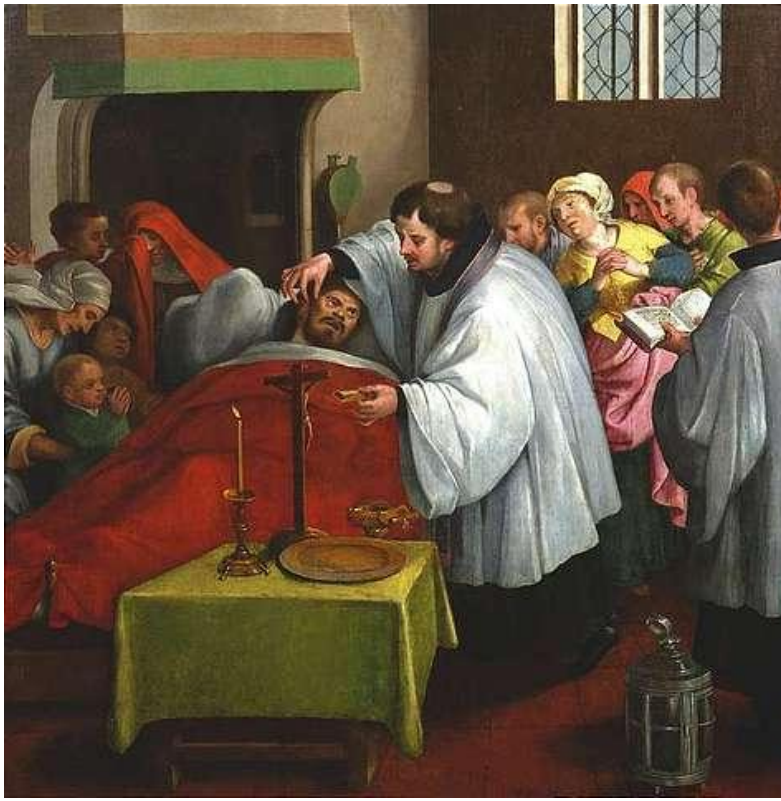








Sacramentos



Filósofos Cristãos



Malebranche



Leibniz



Pascal

Espinosa: a ruptura

- Espinosa e a subversão do platonismo.
 - Ética demonstrada à maneira dos geómetras.
 - Diálogo e tensão com Maimónides.
 - Averroísmo judaico? (Isaac Albalag, Moses of Narbonne, Elia del Medigo)
 - Aristóteles → Averróis → Maimónides → **Espinosa**
-



BENEDICTUS DE SPINOZA,
IUDÆUS ET ATHEISTA.

*Natus Amstelod. MDCXXXII. D. 24. Nov.
Denatus Hagæ Com. MDCLXXVII. D. 21. Febr.*

A imortalidade é... meritocrática

- *Mens humana non potest cum corpore absolute destrui, sed eius aliquid remanet quod aeternum est.*
- A mente humana não pode ser absolutamente destruída com o corpo, mas algo dela permanece que é eterno.” (Ética, V, prop. 23)

Maimónides: quanto mais alguém conhece Deus intelectualmente, mais a sua alma se torna imortal.

Espinosa: quanto mais ideias adequadas alguém tem, maior a parte eterna da sua mente.

Espinosismo como materialismo

- Materialismo e cartesianismo mutilado.
 - Neo-epicurismo e hedonismo.
 - Mortalidade e moralidade.
 - Novo projeto social e humano (Iluminismo, Liberalismo)
-

PUBLICATIONS DE LA FACULTÉ DES LETTRES D'ALGER

XX

61360

20

I

SPINOZA

ET

LA PENSÉE FRANÇAISE AVANT LA RÉVOLUTION

PAR

Paul VERNIÈRE

*Maître de Conférences à la Faculté des Lettres d'Alger
Docteur en-Lettres*

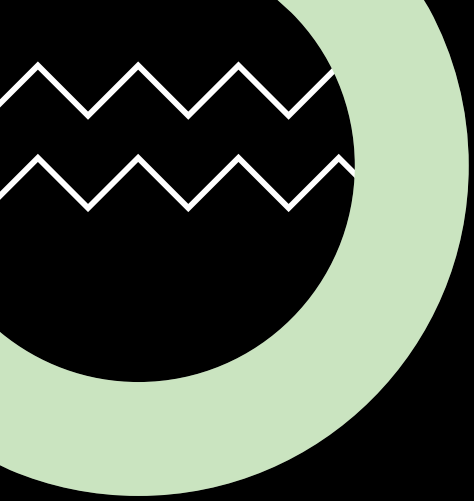
TOME PREMIER

XVII^e SIÈCLE

(1663-1715)



PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE



Espinosistas franceses (iluminismo clandestino)

- La Mettrie (1709–1751) - *L'Homme Machine* (fisiologia).
- Diderot (1713–1784) – *Encyclopédia*.
- Baron d'Holbach (1723–1789) - *Systeme de la nature*.



Kant e a imortalidade hipotética

- **Crítica da Razão Pura:**
impossibilidade de provar a existência da alma.
 - **Crítica da Razão Prática:**
necessidade de postular a existência da alma por razões morais e sociais.
 - Postura kantiana da Modernidade.
-



Posições contemporâneas

- Existencialismo
- Nihilismo
- Espiritismo
- Teosofismo – New Age
- Secularismo
- Sincretismo

